



material educativo


vidas
refugiadas



museu da imigração
do estado de são paulo

O projeto **Vidas Refugiadas** nasceu do encontro da advogada Gabriela Cunha Ferraz com o fotógrafo Victor Moriyama, em fevereiro de 2015. Juntos desde então, os dois mergulharam no cotidiano e na história de sete diferentes mulheres com o objetivo de enxergar a cidade de São Paulo a partir de uma nova perspectiva: a de quem chega a uma megalópole com nada mais do que esperança na bagagem.

Solicitantes de refúgio ou refugiadas, elas são latino-americanas, africanas, asiáticas, brancas, negras, casadas, solteiras, divorciadas, jovens, mães.... Cada uma delas é uma mulher em particular mas, ao mesmo tempo, têm uma série de características em comum. São mulheres que, dentro da sua individualidade, pertencem ao todo.

Apesar das diferentes nacionalidades e experiências, todas foram forçadas a abandonar seus países de origem por medo - medo de perderem suas liberdades, suas histórias e suas vidas. Outro ponto de convergência entre elas é a certeza com que expressam suas identidades femininas e a clareza com que enxergam o papel social que assumem

ao adotar uma postura resistente diante das adversidades da vida.

Mulheres ainda ocupam lugares invisíveis na nossa sociedade, mas estas querem falar. E, adiantamos: elas têm muito a dizer. Esse projeto pretende oferecer um espaço de protagonismo que sirva para sensibilizar os brasileiros e brasileiras e inspirar não só outras mulheres refugiadas e solicitantes de refúgio no nosso país, mas também as políticas públicas que estão sendo desenvolvidas.

Para que isso seja facilitado, Gabriela e Victor compartilharam o cotidiano dessas mulheres, estabelecendo uma relação de confiança que deu origem a algo que vai além dessa exposição fotográfica e forma um projeto de vida, formado por laços de amizade sem fronteiras.

Acesse o site do projeto **Vidas Refugiadas** aqui:
vidasrefugiadas.com.br





Olá professora e professor,

Este material foi pensado como instrumento para auxiliar no planejamento do antes, durante e depois da visita à exposição **Vidas Refugiadas**, que ficará em cartaz no Museu da Imigração do dia 18 de março a 28 de maio de 2017. Ele pode servir como base para múltiplas atividades relacionadas às histórias das mulheres cujas vidas são o mote da exposição.

Estamos abertos para dúvidas, sugestões e críticas sobre o conteúdo deste material. Até breve!

EDUCADORES DO MUSEU DA IMIGRAÇÃO
educativo@museudaimigracao.org.br

Para cada mulher que compartilha sua história na exposição Vidas Refugiadas, temos um texto que narra sua trajetória em busca de um lugar seguro, a contextualização política da necessidade de sua partida e alguns elementos visuais que compõem seu relato. Certamente você elaborará as atividades que preferir, de acordo com as especificidades dos estudantes e os recursos disponíveis na sua escola. Seguem, porém, algumas sugestões elaboradas pelos educadores do Museu da Imigração:

História em quadrinhos

Os elementos visuais presentes neste material - juntamente de outras imagens selecionadas por você e/ou pela turma - podem ser recortados e usados para compor histórias em quadrinhos, utilizando recursos diversos como colagem, pintura e/ou desenho. Transformadas em personagens de uma narrativa em quadrinhos, elas podem ter seus relatos representados, recriados ou mesmo reunidos em uma mesma história.

Teatro com papel

Outra maneira de reelaborar e discutir essas narrativas é usar as figuras do material como elementos para realizar um teatro com papel, que pode ser complementado com outras imagens, ou mesmo objetos tridimensionais. Se os personagens forem colados em palitos de picolé e manipulados atrás de papel vegetal, usando uma lanterna, é possível até fazer um teatro de sombras! Nessas atividades, podem-se trabalhar o improviso e a interação entre os colegas, ao mesmo tempo em que os estudantes podem sintetizar o que aprenderam sobre o tema do refúgio.

Cartazes

Se há uma possibilidade de expandir a temática para além da sala da aula, a turma pode usar as imagens para criar cartazes de conscientização sobre o refúgio usando as histórias das mulheres, incluindo informações oficiais, problematizações e perguntas provocadoras. A turma pode também pleitear a apresentação de suas produções em outros espaços da escola ou mesmo em espaços públicos - utilizando a linguagem do lambe-lambe, por exemplo.

Jogos de curadoria

As imagens do material podem ser recortadas e disponibilizadas em conjunto para que a turma, dividida em grupos ou não, possa selecionar e organizar os elementos em pequenas curadorias, relacionando suas escolhas com palavras, fotografias ou trechos de notícias sobre migração e refúgio.

História coletiva

Após conhecerem as histórias das mulheres e discutirem os temas propostos pela exposição, pode-se cortar as imagens presentes no material e utilizar estes elementos para construir uma história coletiva, que não necessariamente precisa corresponder à realidade - vale usar a criatividade. Com o grupo sentado em roda, o primeiro estudante sorteia um elemento e começa a história. Na sequência, cada um deve continuar a narrativa a partir das imagens que forem sorteadas.

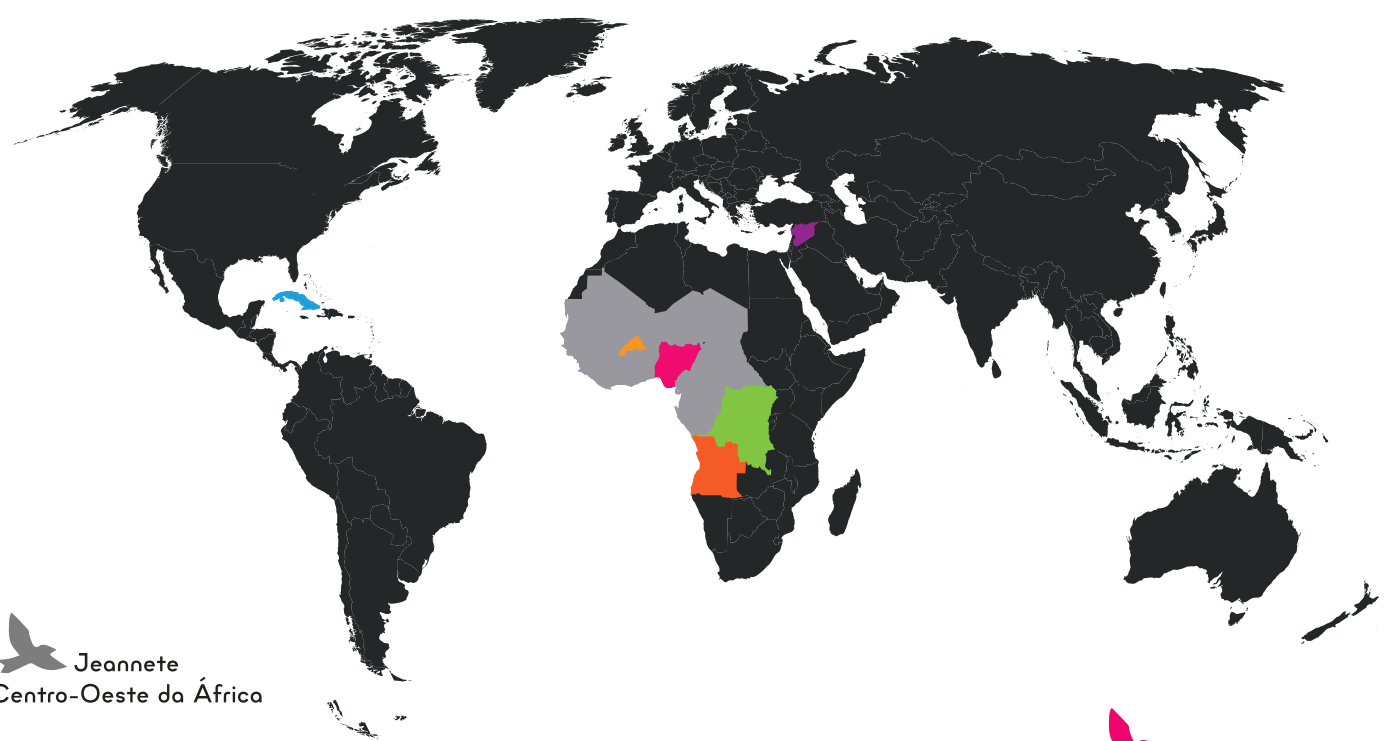
Territórios e fronteiras

Com um mapa-múndi exposto em sala, sinalize os países de origem das mulheres apresentadas na exposição, ou quaisquer que sejam do interesse, e sugira que os alunos pesquisem sobre a história e atual situação política do território, relacionando com o tema do refúgio e da migração. Você pode sugerir que os estudantes apresentem o conteúdo pesquisado para a turma utilizando alguma linguagem artística, como o desenho ou o teatro; ou até realizar um seminário, matéria jornalística ou infográfico.

Alice - Burkina Faso 

 Maria - Cuba

 Mayada - Síria



 Jeannete
Centro-Oeste da África

 N. Jonathan - Nigéria



 Vilma - Angola

 Silve
República Democrática do Congo (RDC)





JEANNETE

Cabeleireira, (nacionalidade e idade omitidas), casada e mãe de quatro filhos. Solicitante de refúgio no Brasil desde 2014.

Jeannete é uma das filhas de um grande Imã (líder islâmico), tendo sido dada em casamento aos 14 anos, como quarta esposa de um homem muçulmano, com quem teve quatro filhos. Depois da morte do seu primeiro marido, Jeannete retornou ao lar do seu pai, levando seus filhos, e começou a trabalhar com compra e venda de tecidos para manter sua família.

Alguns anos depois, durante uma das suas viagens de negócios pelo país, Jeannete conheceu um homem cristão e se apaixonou por ele. Sabendo que aquela relação inter-religiosa jamais seria aceita pela sua família, eles decidiram se casar secretamente e mantiveram a relação em silên-

cio. Essa união foi, contudo, descoberta. Certa noite, Jeannete disse que estaria saindo para uma viagem de trabalho e foi se encontrar com o marido. Durante a noite, enquanto estavam dormindo, seus familiares, liderados pelo seu pai, invadiram sua residência e arrancaram os dois da casa aos tapas e pontapés. Ambos foram espancados em praça pública, gerando um grande constrangimento, além das cicatrizes que carregam até hoje. Além da tortura física, a casa do casal foi completamente queimada e Jeannete testemunhou, em pé, seu marido ser enterrado vivo. Na sequência, ela foi arrastada de volta para a casa dos pais.

Na mesma noite, com o apoio e a ajuda financeira da mãe, Jeannete fugiu para um país vizinho porque sabia que seu pai seria obrigado a matá-la para honrar a família, marcada por um matrimônio concebido fora do islã. Mesmo longe de casa, a insegurança de Jeannete permaneceu viva porque os dois países são muito próximos e existe uma livre circulação de mercadorias e pessoas entre suas fronteiras.

Incomodada com toda a situação e com medo de ser novamente capturada, Jeannete contou com a ajuda do seu patrão para conseguir um visto e uma passagem aérea para o Brasil. Essa foi sua primeira viagem de avião. Chegando em Fortaleza, Jeannete foi aconselhada a ir de ônibus até São Paulo, cidade onde, supostamente, haveria uma maior concentração de africanos dispostos a ajudar.

VIVENDO NA METRÓPOLE, SEM NOTÍCIA DOS FILHOS E TRABALHANDO COMO CABELEIREIRA, JEANNETE RECEBEU A ÚNICA VISITA QUE JAMAIS PODERIA ESPERAR: SEU MARIDO REAPARECEU NA PORTA DO PRÉDIO DA OCUPAÇÃO ONDE MORA, PERGUNTANDO POR ELA. NESTE DIA, ELA DESCOBRIU QUE O MARIDO NÃO TINHA MORRIDO E QUE FOI RESGATADO POR UM GRUPO DE PESSOAS QUE HAVIAM TESTEMUNHADO O OCORRIDO. DEPOIS DE PROCURÁ-LA EM TRÊS

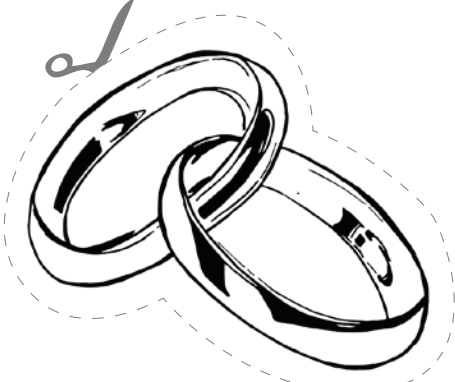
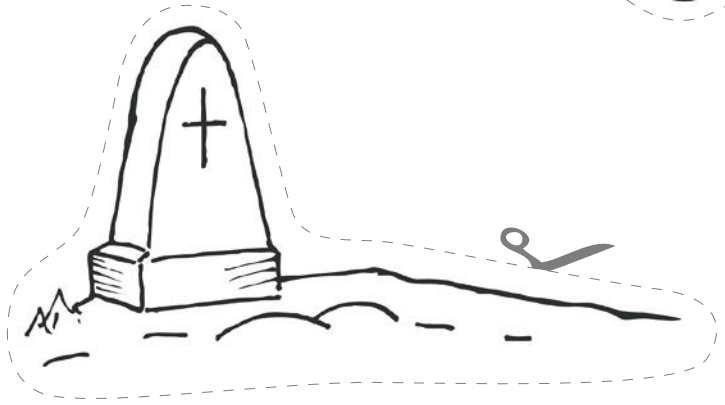
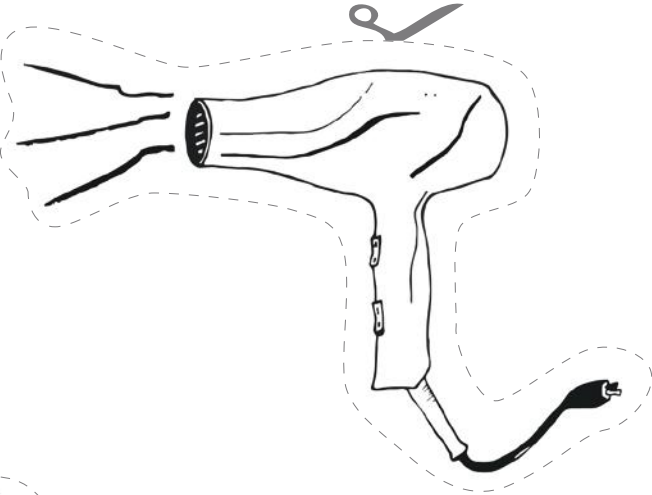
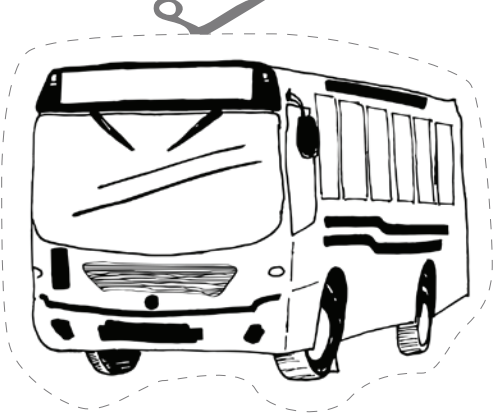
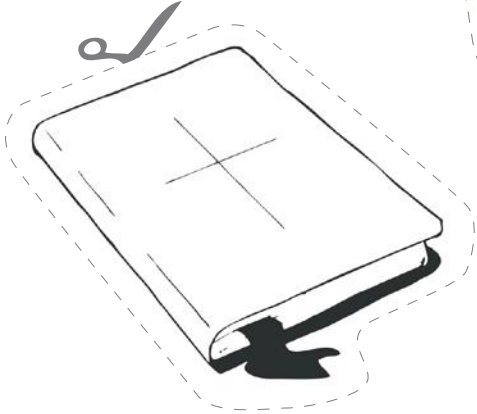
DIFERENTES PAÍSES DA REGIÃO, ELE CONSEGUIU ENCONTRÁ-LA NO BRASIL E, HOJE, VIVEM JUNTOS AGUARDANDO A DECISÃO ACERCA DO SEU PEDIDO DE REFÚGIO MAS, SOBRETUDO, AGUARDANDO IMPACIENTEMENTE NOTÍCIAS DOS SEUS QUATRO FILHOS QUE AINDA VIVEM NA ÁFRICA.

VEJA O RELATO DE JEANNETE AQUI:

youtu.be/mGys_TUCAzg 

CONTEXTO POLÍTICO DO CENTRO-OESTE DA ÁFRICA

Em muitos países africanos, o casamento forçado de meninas e mulheres é uma prática ligada ao tradicionalismo local e representa uma forma de violência invisível que afeta a autonomia, e a liberdade das mulheres, trazendo como consequência a maternidade precoce. Outra fonte de violência é o casamento inter-religioso entre mulheres muçulmanas e homens cristãos em alguns países africanos. De acordo com o Alcorão - livro sagrado do Islamismo (sura 5:5) um homem pode se casar com uma mulher não muçulmana, mas um Judeu ou um Cristão não pode se casar com uma mulher muçulmana. Esse tipo de relação causa a morte de muitas mulheres e aumenta os índices de violência de gênero no continente.





SILVYE

Advogada, nacional da República Democrática do Congo (RDC), 34 anos, casada e mãe de quatro filhos. Refugiada reconhecida pelo Governo Brasileiro desde 2014.

Sylvie se casou, ainda jovem, com um militante político que lutava contra o violento regime ditatorial, instalado na República Democrática do Congo (RDC) e, com ele, teve seus filhos. Aqui, o medo de morrer é consequência direta de uma política de Estado conturbada, violenta e opressora.

Quando recebeu, pelo telefone, a notícia da prisão arbitrária do marido, soube que precisava fugir do país porque, a partir daquele momento, toda sua família havia sido colocada em real perigo de vida. Sem perder tempo, Sylvie juntou algumas mudas de roupa, seus dois filhos pequenos e fugiu até o porto mais próximo para tentar embarcar, clandestinamente, em um navio, rumo a um destino desconhecido. Na fuga, não houve tempo para recuperar sua filha mais velha, que estava na escola e ficou sob os cuidados da sua mãe. Salva pela solidariedade da tripulação, Sylvie embarcou no porão de um navio e, por não ver a luz do sol, nunca soube dizer quantos dias durou sua viagem. Os três foram alimentados com biscoitos e beberam a água que os tripulantes traziam até chegar no porto de Santos, litoral Paulista.

Ao desembarcar, Sylvie não foi informada do local onde estava e não podia imaginar que havia cruzado o Oceano Atlântico. Perplexa em razão da quantidade de pessoas brancas que viu na rua e desorientada por não poder se comunicar em francês, descobriu que havia chegado no Brasil. Sem ter outra opção, Sylvie dormiu dois dias na rua, com seus filhos, até encontrar um compatriota que a encaminhou para pedir ajuda em uma organização não governamental do centro de São Paulo.

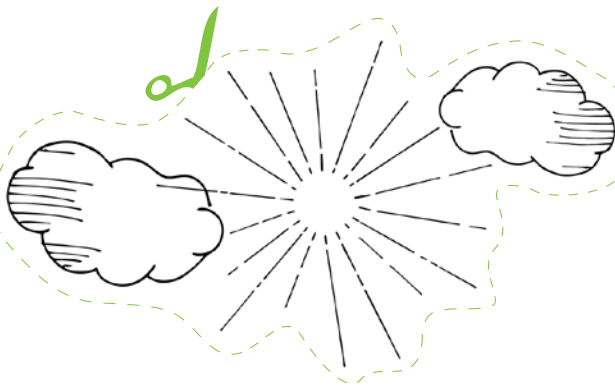
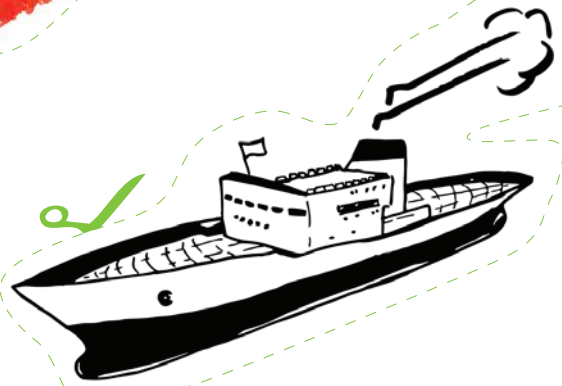
CONTEXTO POLÍTICO DA REPÚBLICA DEMOCRÁTICA DO CONGO

A República Democrática do Congo vive intensas conturbações políticas desde o início do seu processo de independência da Bélgica, em 1960. Associado ao regime ditatorial experimentado, as mulheres vivem em situação de extrema instabilidade, já que o país registra o maior número de casos de estupro e violência doméstica do mundo. E, como se não fosse suficiente, na região leste da RDC se mantém ativa uma guerra que já dura três décadas, envolvendo milícias armadas, diferentes grupos étnicos e o exército dos países fronteiriços.

O primeiro golpe de estado do país foi dado pelo General Mobutu Sese Seko, que subiu ao poder em 1965 e governou o país, com mãos de ferro, até 1997. Neste ano, Laurent Kabila ascendeu à presidência em decorrência dos conflitos instaurados em Ruanda, tendo sido assassinado em 2001. Na presidência ficou seu filho, Joseph Kabila que, até os dias atuais, mantém o poder favorecendo a comunidade internacional que explora as riquezas minerais do país, enquanto massacra sua população.

Desde as eleições de 2011, a RDC enfrenta uma crescente onda crescente de violência, hostilidade e perseguição política contra grupos e indivíduos com posições dissonantes. Kinshasa ainda vive uma clara situação de insegurança e medo, já que membros da oposição sofrem constantes perseguições, ameaças, torturas, maus-tratos, prisões arbitrárias e súbitos desaparecimentos. Indivíduos que apoiem ou que estejam de qualquer forma relacionados à oposição, estão sujeitos ao mesmo tratamento, extensivo aos seus familiares.







ALICE

Artista, nacional do Burkina Faso, 24 anos, solteira e sem filhos. Refugiada reconhecida pelo Governo Brasileiro desde 2015.

Alice nasceu em uma família poligâmica e vivia sob a proteção do seu pai e sua primeira mulher, já que as outras esposas não tinham direito de guarda sob seus filhos. Estava na Costa do Marfim quando a guerra civil eclodiu no país em setembro de 2002 e, por isso, foi obrigada a regressar ao seu país de origem, Burkina Faso, para concluir os estudos em secretariado, profissão permitida para mulheres.

Apesar de gostar de estudar, sua alma sempre foi artística e, assim, começou a ter aulas de teatro, escondida da sua família. Logo se reconheceu enquanto jovem feminista e começou a questionar o papel reservado às mulheres nas sociedades africanas. Quando seu pai descobriu o segredo que Alice escondia, obrigou-a a se casar com um homem de 60 anos, na esperança de que esse matrimônio fosse salvar seu futuro. Filhas mulheres não podem desobedecer as ordens dadas por seus pais sem serem banidas do núcleo familiar que, em muitos países, é sua única proteção.

Inconformada com esse destino, Alice arquitetou sua fuga em segredo e veio ao Brasil em busca de liberdade. Sua decisão foi encarada pela família como um ato de rebeldia e profunda desobediência. Alice sonha em poder regressar ao seu país, enquanto mulher livre, realizada, e feliz para provar que seu pai estava errado ao pretender escolher seu futuro. Alice também sonha com o dia em que todas as mulheres africanas serão livres para tomar as decisões sobre suas próprias vidas. Enquanto isso, ela quer escrever livros de contos africanos para as crianças refugiadas que já nasceram em solo brasileiro, na intenção de que elas não percam suas origens culturais.

VEJA O RELATO DE ALICE AQUI:

youtu.be/fOSCOBliXcc



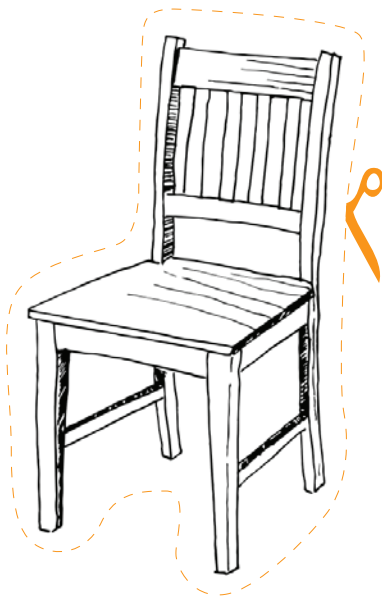
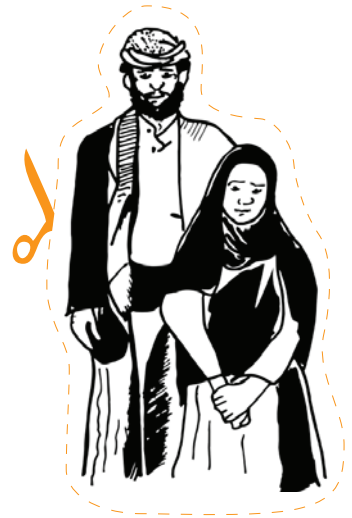
CONTEXTO POLÍTICO NO BURKINA FASO

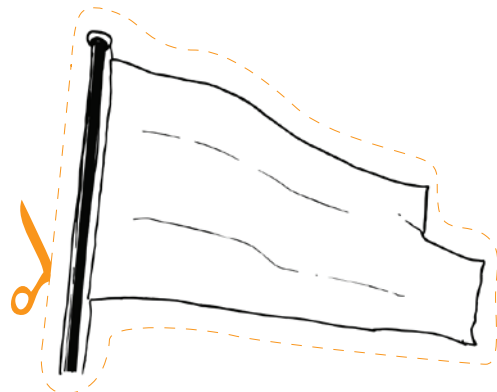
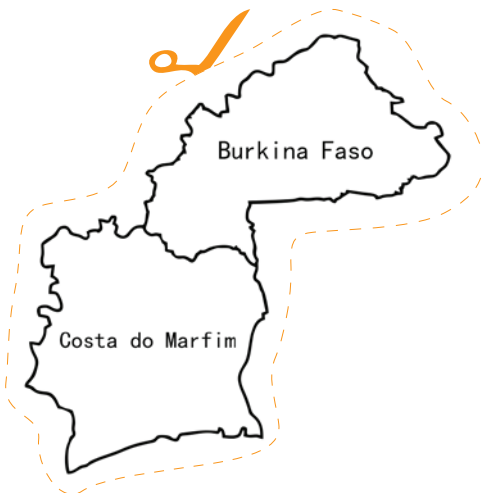
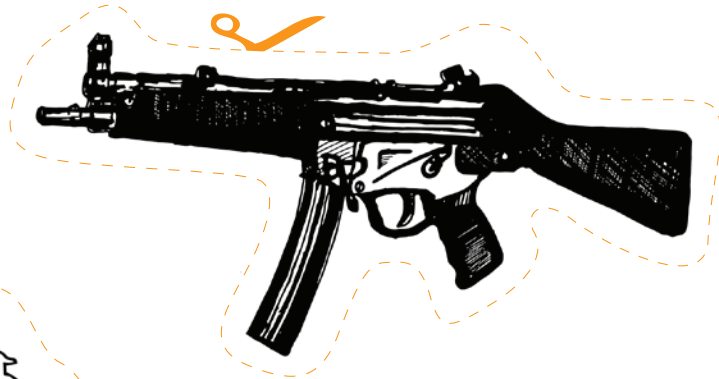
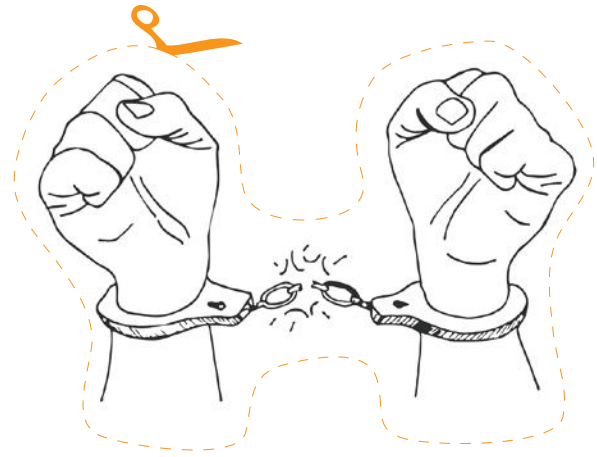
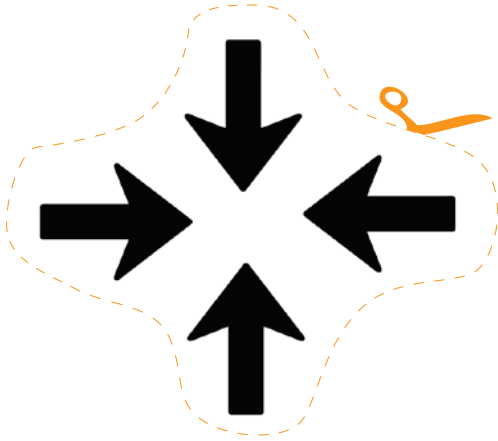
Desde 1987, o Burkina Faso é governado por Blaise Compaoré, responsável pelo golpe de estado mais sangrento da história e que executou o antigo presidente do país. Trata-se de um país multiétnico, composto, majoritariamente, por três diferentes etnias, organizadas de diferentes maneiras. Em localidades do interior do país, o órgão que centraliza todas as decisões comunitárias é o conselho de anciões, que decide os rumos da vida dos cidadãos.

A situação das mulheres no Burkina Faso é extremamente delicada, pois, ao longo dos anos, elas permanecem ocupando uma posição de subordinação na sociedade, sem acesso à educação, ao emprego, à propriedade privada ou a direitos familiares. Na maior parte do país, elas ainda são impedidas de trabalhar e ocupam um espaço voltado apenas para a reprodução. As mulheres são vistas como responsáveis diretas pela não fecundação e, por isso, os maridos gozam do direito de abandoná-las, caso não possam ter filhos.

Aquelas que permanecem solteiras são desvalorizadas socialmente e, não raro, difamadas e violentadas. O Burkina Faso também figura entre os países que ainda toleram a mutilação genital feminina, considerada como uma grave violação de direitos humanos pelas Nações Unidas. Além disso, o país também é marcado pela permissão oficial para celebração de casamentos concebidos entre meninas e homens adultos, desde que estes cumpram seus deveres relacionados ao pagamento dos dotes.









NKECHINYERE JONATHAN

Professora de inglês, nacional da Nigéria, 44 anos, casada e mãe de quatro filhos. Solicitante de refúgio no Brasil desde 2014.

Jonathan é professora de inglês e lecionava como missionária em uma escola mista (para meninos e meninas), localizada no norte da Nigéria. Com a invasão do grupo terrorista Boko Haram na região, a educação de meninas passou a ser proibida e mais de 200 crianças do sexo feminino foram sequestradas pelo grupo, forçando, assim, o fechamento das escolas locais.

Jonathan desafiou a nova ordem e permaneceu exercendo sua profissão, dessa vez dentro da igreja, por entender que a educação é a ferramenta mais importante na construção da consciência política e no combate ao terrorismo. Por ignorar as ordens estabelecidas pelo grupo, Jonathan passou a ser considerada inimiga do regime e foi perseguida por aqueles que queriam implementar o Estado Islâmico no país. Das 15 professoras que trabalhavam na mesma escola que Jonathan, apenas 5 sobreviveram para relatar as atrocidades praticadas contra as mulheres e meninas nigerianas.

Diante da situação instaurada, a família decidiu que ela deveria ser a primeira a deixar o país, na esperança de reencontrar os demais na sequência. Para isso, ela precisou fugir a pé, por dentro da floresta fechada, durante 4 dias e 4 noites, sendo guiada pelas estrelas e levando apenas três mudas de roupa. Ao chegar viva no país da fronteira – Benin, Jonathan conseguiu comprar uma passagem aérea e emitir um visto de viagem para vir ao Brasil.

Hoje, morando em São Paulo, Jonathan faz fisioterapia para curar o estresse provocado pela fuga nos ossos dos seus pés e busca um emprego depois de ter sido demitida, sem justa causa, do shopping onde trabalhava na área de limpeza. Mas, o que ela mais anseia é o reencontro com seu marido e filhos que ainda permanecem na Nigéria, em situação de perigo iminente, enquanto ela aguarda a decisão do seu processo no Brasil.

VEJA O RELATO DE ALICE AQUI:

youtu.be/Nk1gHKECjlk



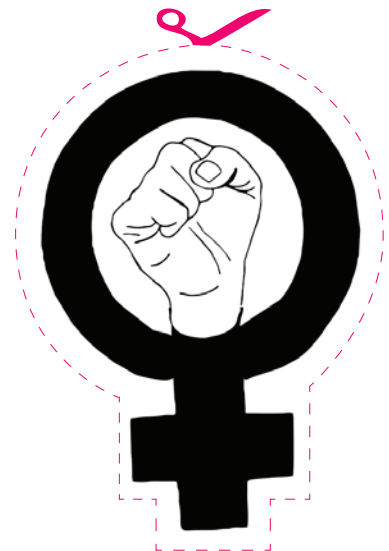
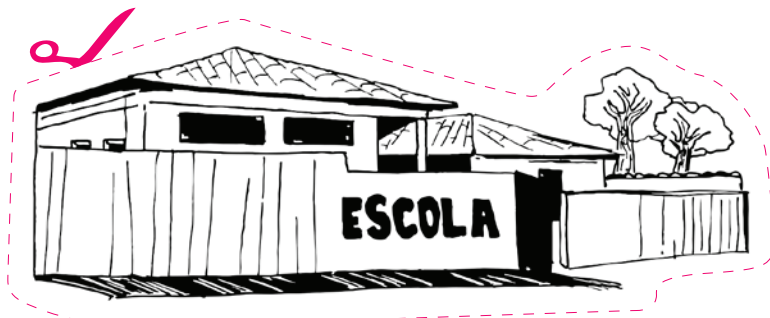
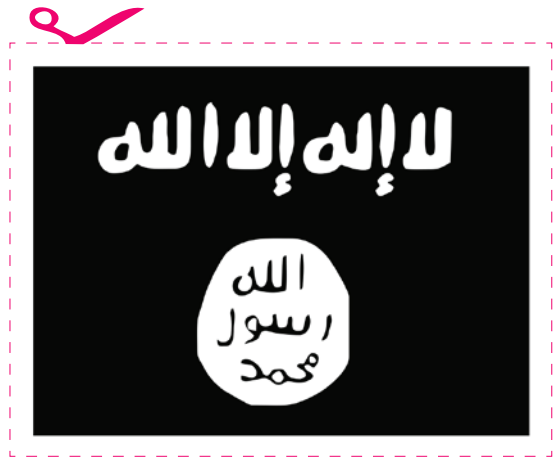
CONTEXTO POLÍTICO NA NIGÉRIA

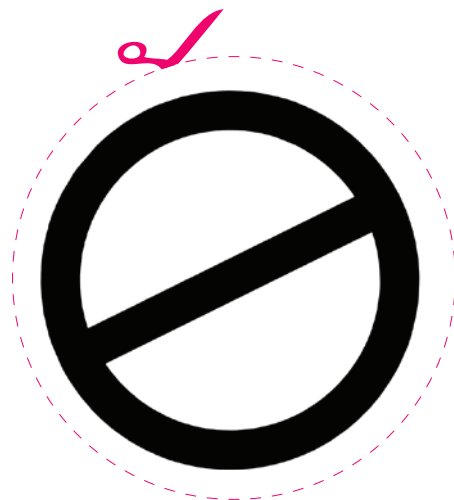
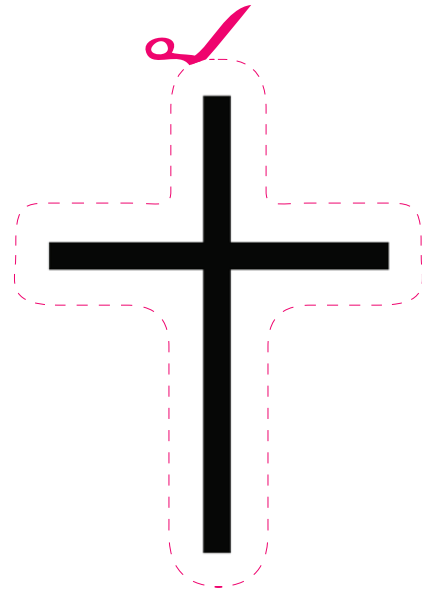
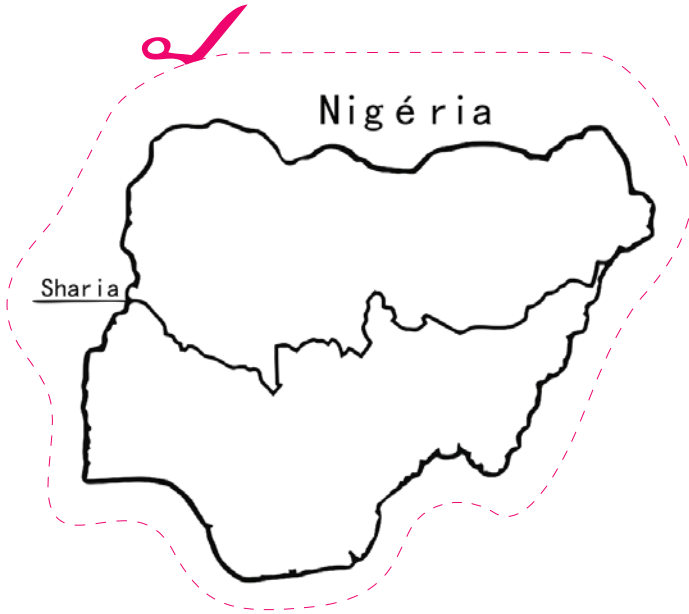
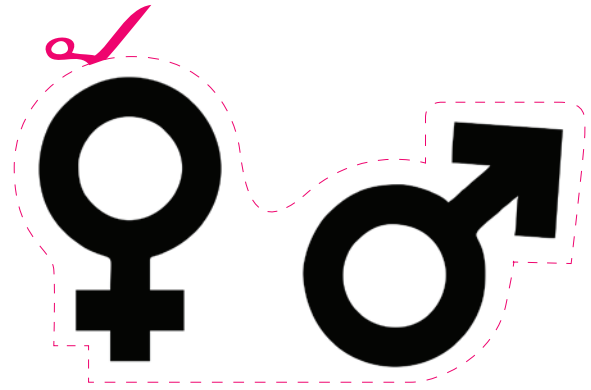
A Nigéria é um país com população de 150 milhões de habitantes igualmente divididos entre muçulmanos e cristãos. O norte do país é predominantemente muçulmano e o sul é povoado por uma maioria cristã, além de outras minorias religiosas.

O Boko Haram é uma organização jihadista (muçulmana extremista), com base no norte da Nigéria, norte de Camarões e Níger e que bebe na fonte do Wahabismo da Arábia Saudita, responsável pelo extermínio de xiitas e cristãos no mundo. Fundada em 2001, a organização pretende criar o chamado um Estado Islâmico "puro", baseado na Shari'a, conjunto de leis islâmicas radicais que se opõe frontalmente aos valores ocidentais, impondo regras violentas de convivência e legitimando graves violações aos direitos das mulheres.

Esse grupo ficou internacionalmente conhecido por atacar igrejas cristãs, queimar indivíduos e praticar atos de barbárie em colégios, delegacias de polícia e locais destinados ao lazer. O grupo se posiciona contra o sistema de educação ocidental e proíbe, sobretudo, que meninas frequentem as escolas. Apesar de não exercer controle na totalidade do país, o grupo está estabelecido nas regiões norte e nordeste da Nigéria (Borno, Yobe, Katsina, Kaduna, Bauchi e Kano), tendo capacidade para lançar ataques em toda a Nigéria. A política de ataque aos civis é explicitada por declarações públicas de seus líderes e ou porta-voz.









MAYADA

Professora de Francês e Diretora de Departamento na Universidade de Damasco, nacional da Síria, 50 anos, casada e mãe de dois adolescentes. Refugiada reconhecida pelo Governo Brasileiro desde 2014.

Mayada gozava de uma vida economicamente estável, trabalhava como professora de uma grande Universidade e seu marido como protético em seu próprio consultório. Mas, em abril de 2010 estourou a guerra civil no país e o cerco foi se fechando cada vez mais contra os cristãos, já que os soldados do Estado Islâmico haviam dominado diversos territórios. Mayada explica que, nestas circunstâncias, todos podem morrer a qualquer momento e que, por serem católicos, se sentiam muito mais expostos ao ultrapassar as barragens feitas por militares nas ruas da cidade. Essas barragens, muitas vezes,

eram falsas e montadas pelos próprios terroristas que, se encontrassem um sírio católico, não hesitaria em executá-lo.

A difícil decisão de abandonar seu país foi tomada pela forte convicção que suas filhas deveriam crescer fora de um ambiente de guerra. Enquanto mãe e educadora, Mayada queria oferecer à sua família um futuro sem violência.

A motivação que acelerou a fuga da família foi o brutal assassinato do professor de educação física da Universidade de Damasco, à queima roupa, na saída do trabalho e na frente dos estudantes. Logo depois desse triste episódio, no dia em que sua filha mais velha prestaria vestibular para arquitetura, elas presenciaram, estando dentro do carro, uma sequência de corpos mortos, expostos, ao longo da estrada. No caminho, apesar de tentar manter os olhos fechados, a jovem teve uma crise nervosa e não conseguiu concluir sua prova.

Sem enxergar outra possibilidade, a família da Mayada simplesmente fechou a porta da casa e foi embora, deixando todos os seus pertences e bens materiais para trás. A única certeza do momento era que precisavam salvar suas vidas e queriam se manter o mais longe possível daquele cenário de guerra e constante instabilidade. Assim, em 2013, os quatro chegaram em São Paulo, onde foram informados que sua casa, em Damasco, havia sido bombardeada e completamente destruída. Hoje, tentam reerguer sua vida, aprender um novo idioma, ingressar em uma Universidade e trabalhar.

VEJA O RELATO DE ALICE AQUI:

youtu.be/mLNR4juqqY



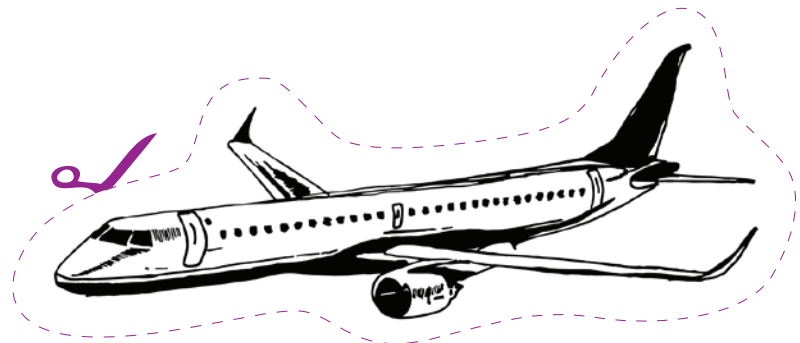
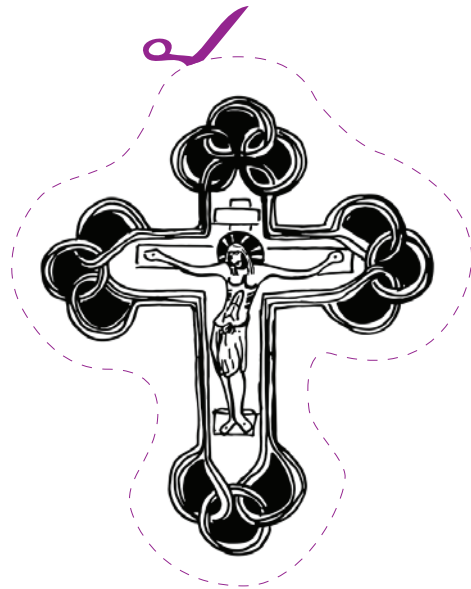
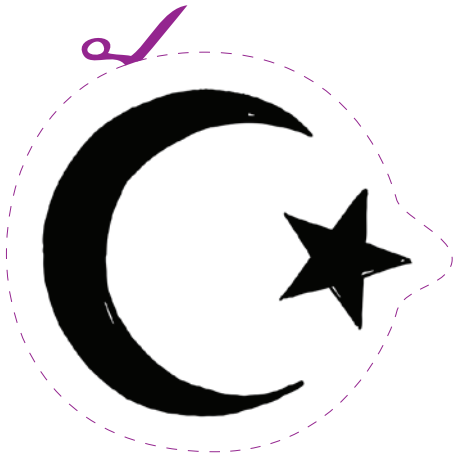
CONTEXTO POLÍTICO DA SÍRIA

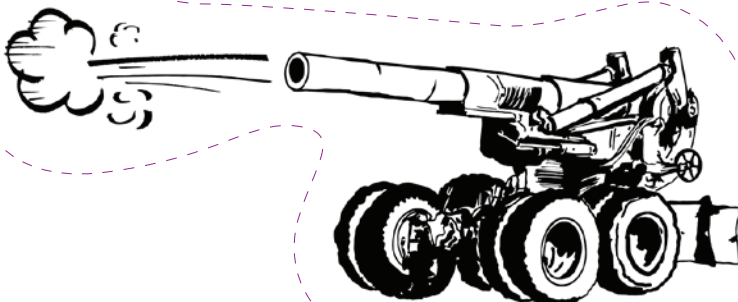
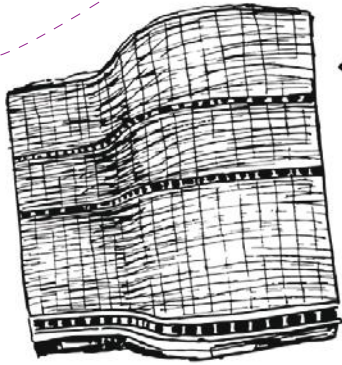
O número de pessoas deslocadas em razão do conflito na Síria ultrapassou os 4 milhões em 2015, registrando a maior crise de refugiados que o mundo já testemunhou. Além dos refugiados que conseguiram chegar até a fronteira de países de acolhida, existem, pelo menos outras 7,6 milhões de pessoas fugindo dentro da própria Síria, muitas delas enfrentando dificuldades para sobreviver em locais de difícil acesso, por exemplo, na cidade de Madaya.

Em 2015, quase 1 milhão de Sírios conseguiu chegar, de barco, até a fronteira da Grécia, tendo sobrevivido a uma fuga insegura e, na maioria das vezes, sendo explorados por redes de coites e contrabandistas. A rota para chegar até a Alemanha é penosa e é preciso ultrapassar as fronteiras da Grécia, Macedônia, Sérvia, Croácia e Eslovênia. A inexistência de rotas seguras de refúgio coloca essas pessoas em condições de extrema vulnerabilidade. As autoridades internacionais europeias ainda não apresentaram um plano de trabalho coerente e as políticas de acolhida mudam a cada dia.

Desde o começo da guerra, o grupo extremista Estado Islâmico, também conhecido como ISIS, e a filial da al-Qaeda na Síria, Jabhat al-Nusra, vêm assumindo a responsabilidade por violações de direitos humanos sistemáticas e generalizadas. Tragicamente, a guerra na Síria está entrando no seu sexto ano, sem que os países consigam apresentar uma solução para o seu fim. Enquanto houver guerra, o número de refugiados continuará aumentando exponencialmente.









MARIA

Historiadora e antropóloga, nacional de Cuba, 40 anos, divorciada, sem filhos. Solicitante de Refúgio no Brasil desde 2014.

Maria sempre trabalhou com temas relacionados a antropologia política, direitos humanos, imigrações, racismo, cultura afro-cubana, religiões de matriz africana e movimentos negros. Considerando que o espaço de trabalho em Cuba é limitado, ela sempre prestou serviços para jornais estrangeiros que tinham permissão para atuar em Cuba, fazendo análises políticas. Durante dois anos, trabalhou de forma ilegal para uma rádio americana chamada "Radio Única" com sede em Miami e sofria frequentes acusações por ser vista como "antirrevolucionária".

Por se impor de maneira clara contra o regime vigente no país, lhe tiraram o direito de trabalhar. Na rua, passou a ser acompanhada por um militar que a seguia de perto, passando informações do seu paradeiro por telefone. Os espaços públicos nacionais já não a recebiam mais. Não era mais convidada para dar aulas ou palestras em escolas ou Universidades. Seu telefone foi cortado e a companhia telefônica alertou que sua linha estava grampeada. Seu marido, também acadêmico, foi jubilaado da Universidade Federal. Logo, passou a ser considerada uma traidora da pátria.

Resolveu dar uma basta e sair do país no dia em que sua casa foi assaltada e seu computador furtado. Os vizinhos do prédio a alertaram de que deveria partir porque estavam sendo sondados pela polícia. Descobriu que essa perseguição estava acontecendo porque havia denúncias de que ela estaria liderando um movimento negro independente em Cuba e sentiu medo.

Depois de ter sido totalmente desprovida da sua liberdade física, acadêmica, profissional, de opinião e manifestação, e com medo de ser assassinada, Maria saiu de Cuba e chegou até o Brasil onde quer recomeçar sua vida e, finalmente, publicar o livro que foi censurado em seu país de origem.

VEJA O RELATO DE ALICE AQUI:

youtu.be/qXxdUpin4RE

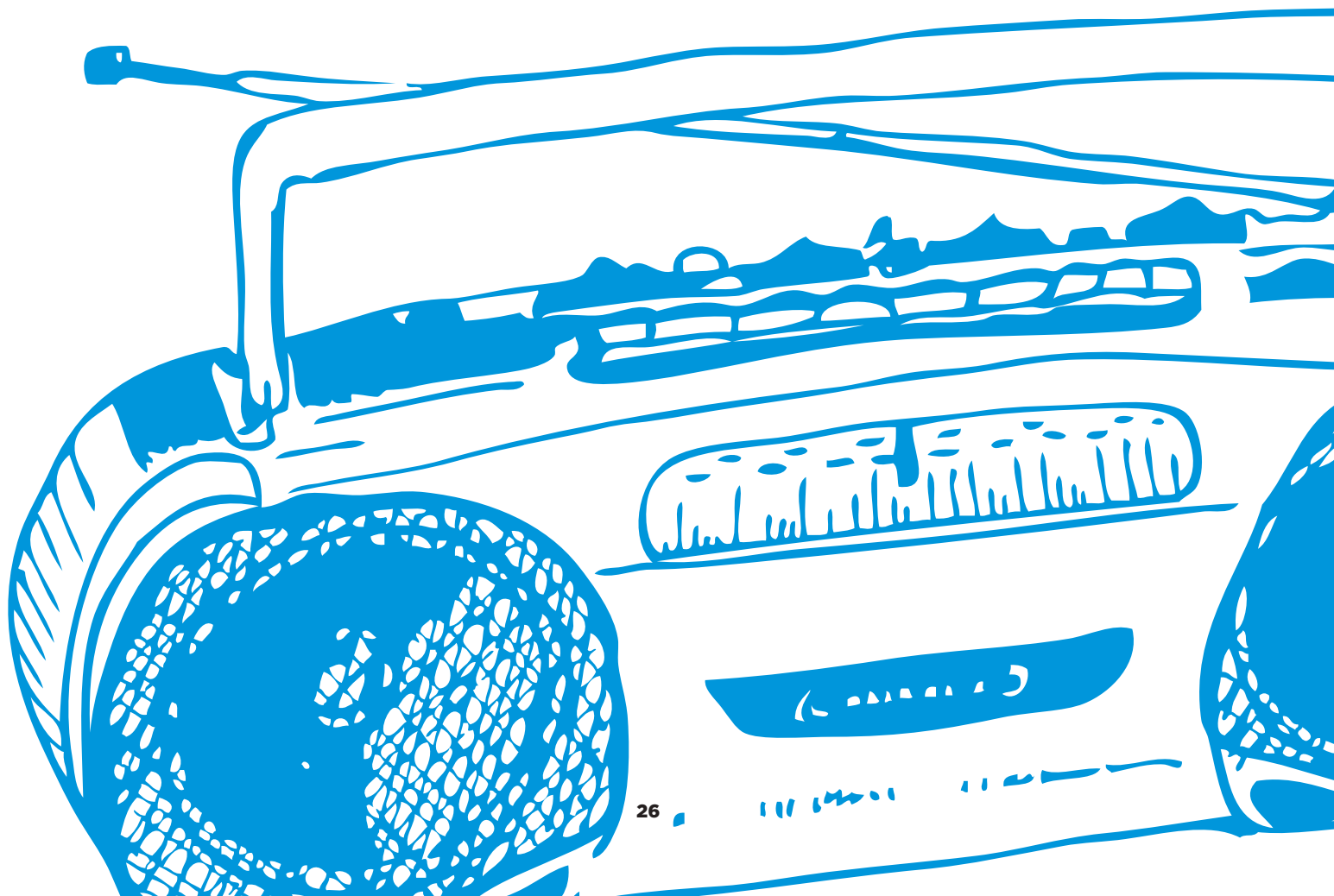


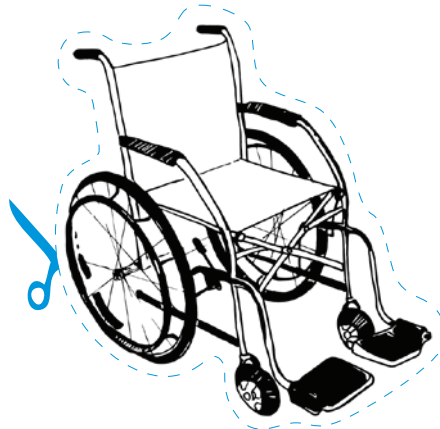
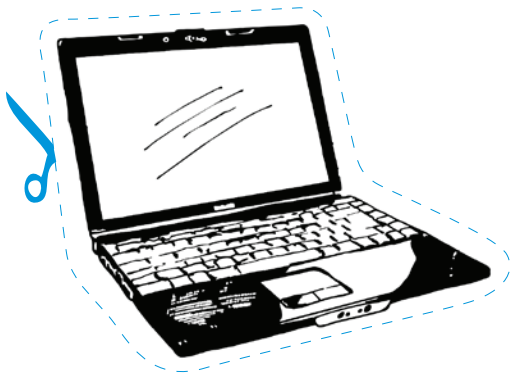
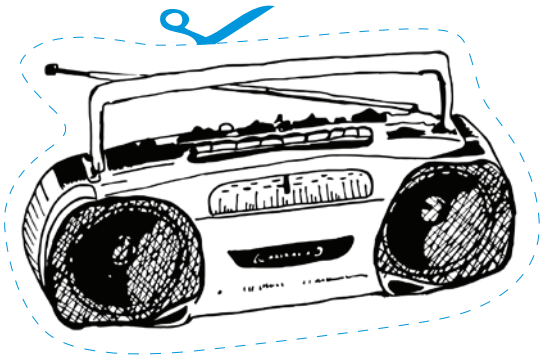
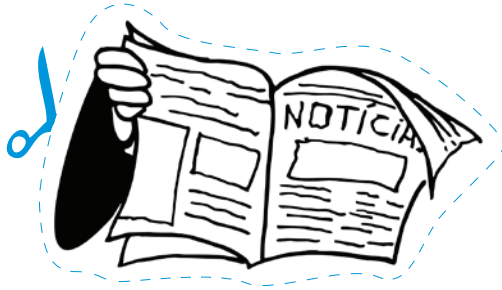
CONTEXTO POLÍTICO EM CUBA

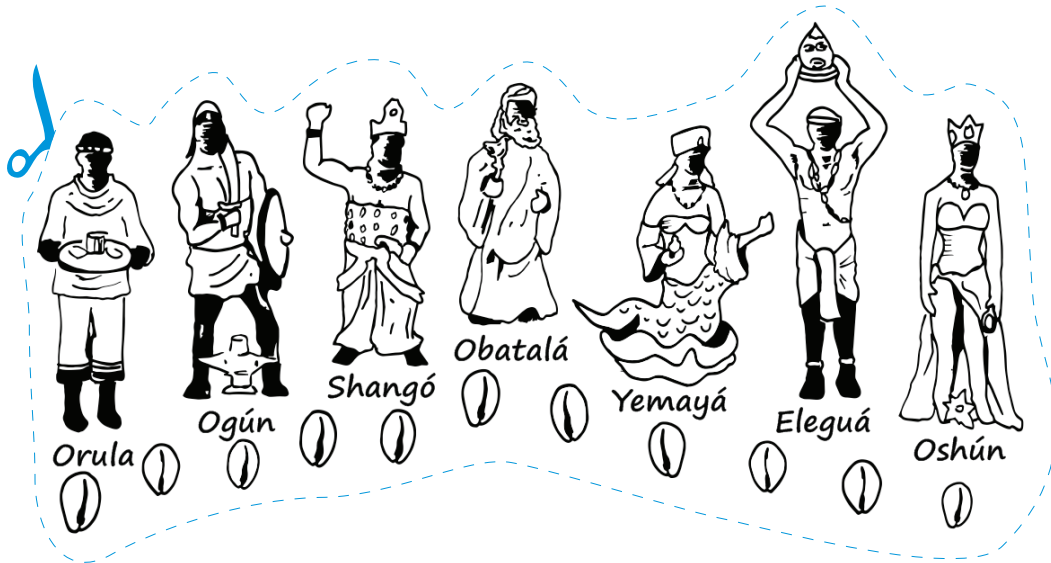
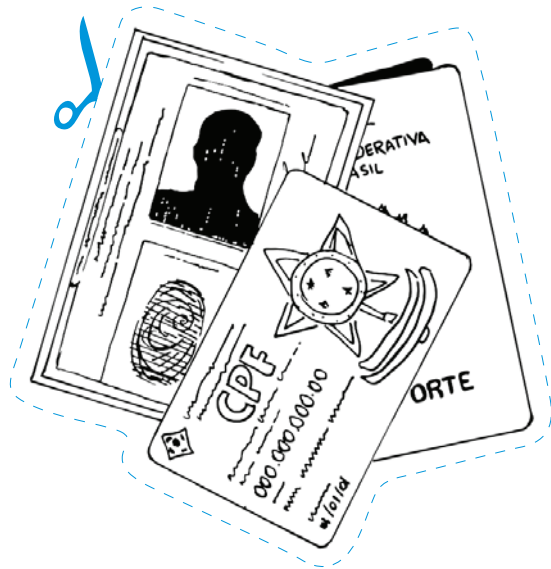
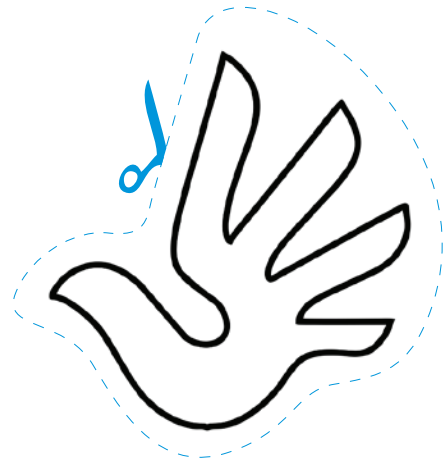
Cuba foi alvo da dominação espanhola nas Américas durante séculos, alcançando sua independência somente em 1898. No entanto, entrou na zona de influência dos Estados Unidos, que dominaram a política do país até o ano de 1959, quando Fidel Castro, com as suas propostas revolucionárias e nacionalistas, derubou do poder Fulgêncio Batista e estabeleceu um novo regime em Cuba com o cargo de 1º ministro. Desde 1959 até os dias de hoje, o grupo de Fidel Castro se mantém no poder, com seu irmão estando no cargo de presidente do país.

Durante muitos anos, Cuba cerceou, através das suas políticas restritivas, a liberdade dos seus cidadãos, proibindo o livre pensamento, fiscalizando e controlando os acessos da população aos meios de comunicação e proibindo o direito de ir e vir. A atuação do Estado como agente perseguidor é notada através das suas tentativas de calar as vozes dissonantes e gerar um clima de insegurança.

Organizações internacionais chegaram a denunciar que os cidadãos cubanos que realizam atos de repúdio ou se opõem ao governo dos irmãos Castro sofrem prisão de consciência e detenções arbitrárias.









VILMA

Estudante, nacional de Angola, 21 anos, solteira e sem filhos. Solicitante de refúgio no Brasil desde 2014.

Vilma era estudante secundarista e militante política em Luanda, envolvida com movimentos que defendiam a liberdade de expressão e manifestação, lutava pelo fim do regime ditatorial que vigora no país há 35 anos. Desde 2010, Vilma se dedicava à causa dos estudantes que não conseguiam acesso à educação pública de qualidade e afirmava que manter o jovem alienado fazia parte da estratégia de dominação prevista pelo próprio governo. Suas denúncias também iam no sentido de clarear o que estava por trás da venda de bebidas para jovens e o notório incentivo que davam para que as mulheres engravidassem cedo e anulassem sua vida profissional.

Muito embora estivesse confortável nes-

se lugar de pertencimento que encontrou para si, em 2012, Vilma começou a ser perseguida pelo Governo, assim como muitos outros estudantes da sua escola que acabaram sendo presos ou desaparecendo no mesmo período. Um dia, seu pai recebeu um telefonema anônimo, de alguém que avisava que sua filha estava na linha de frente daqueles que precisavam ser eliminados pelo poder local. Ainda menor de idade (17 anos), com a ajuda financeira de uma igreja e com o apoio dos seus pais, ela decidiu fugir de Angola e vir para o Brasil porque conhecia o idioma falado e queria experimentar uma vida livre e sem constantes ameaças.

Hoje, Vilma cursa o ensino superior em Fisioterapia e trabalha na bilheteria de um cinema de rua na capital paulista, enquanto aguarda a decisão do seu pedido de refúgio no Brasil.

VEJA O RELATO DE ALICE AQUI:

youtu.be/T6WPZn5NuGg



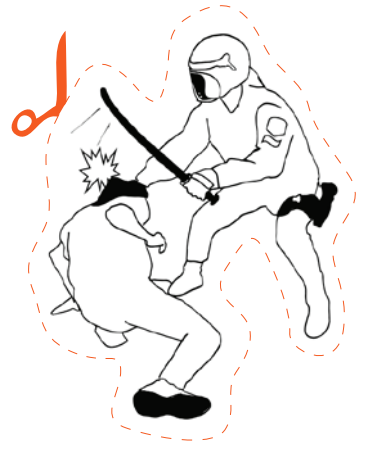
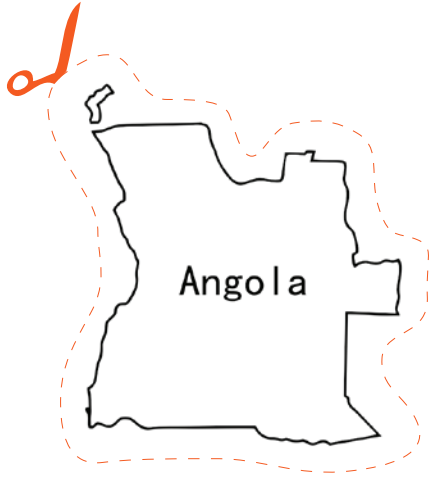
CONTEXTO POLÍTICO EM ANGOLA

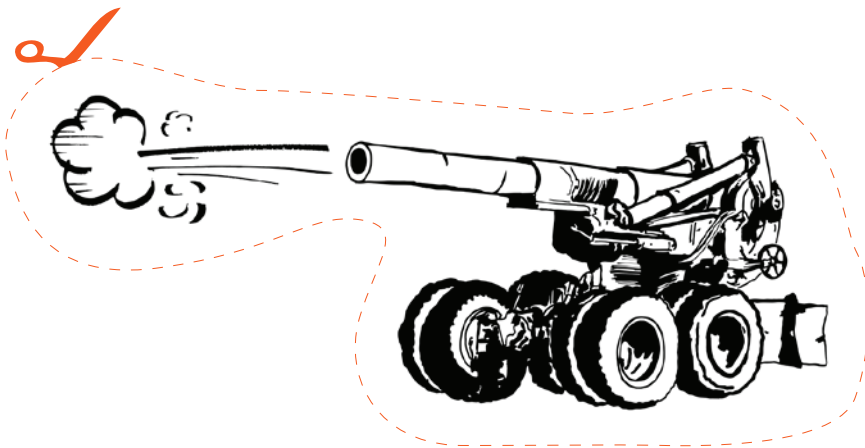
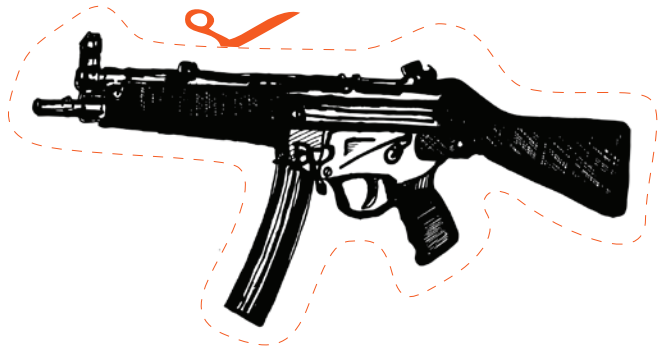
Desde sua independência, Angola vive uma situação de disputa de poderes entre diferentes grupos políticos existentes. Em 1975, após 13 anos de uma intensa guerra, a República de Angola tornou-se um Estado independente, sob a liderança do Movimento Popular de Libertação de Angola (MPLA). A instabilidade política é, porém, reinstalada, a partir da eclosão de uma guerra civil, gerada a partir do confronto estabelecido entre o MPLA e uma coalizão de movimentos pela libertação, conhecida como UNITA (União Nacional para a Independência Total de Angola).

A guerra civil de Angola causou a morte de quase um milhão de pessoas, levando outros quatro milhões a se refugiarem em diversos países fronteiriços ou além mar. O MPLA manteve seu poder político e nele permanece até hoje, contabilizando 35 anos na frente do poder local. O atual presidente, José Eduardo Santos, assumiu a liderança do país em 1979, tendo sua permanência assegurada até 2017, depois de vencer as eleições de 2012.

A partir de 2011, a população, organizada para denunciar as fraudes do sistema eleitoral local e questionar a perpetuidade do poder no país, começou a ser massacrada. Uma onda de medidas repressivas recaiu sobre as liberdades de expressão, de imprensa, de associação, de opinião e de reunião em território angolano, provocando detenções arbitrárias, uso excessivo da violência policial, desaparecimentos e graves violações de direitos humanos. A situação atual de Angola é crítica e merece ser analisada com parcimônia.







GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO

Governador do Estado

GERALDO ALCKMIN

Secretário de Estado da Cultura

JOSÉ ROBERTO SADEK

Coordenadora da Unidade de Preservação
do Patrimônio Museológico

Regina Célia Pousa Ponte

INSTITUTO DE PRESERVAÇÃO E DIFUSÃO DA HISTÓRIA DO CAFÉ E DA IMIGRAÇÃO

Presidente do Conselho de Administração

Roberto Penteado de Camargo Ticoulat

Comitê Executivo

Guilherme Braga Abreu Pires Neto

Sérgio Ferreira Silva Carvalhaes

Diretora Executiva

Marília Bonas

Diretor Administrativo

Thiago Santos

Gerente de Controladoria Geral

Alessandra Almeida

Gerente de Comunicação Institucional

Caroline Nóbrega

Coordenadora Técnica do Museu da Imigração

Mariana Esteves Martins

Coordenadora Administrativa

Claudia Marinelli

MUSEU DA IMIGRAÇÃO

ADMINISTRATIVO

Administração

Jamile Arakaki

Lucinea Gomes do Nascimento

Melise Pereira Lopes da Silva

Natalia Alves de Oliveira

Priscila da Silva Vitor Dias

Valdiane Pereira de Melo

Infraestrutura

César Pimenta

Trajano Rodrigues

Adriano Aparecido de Jesus do Carmo

Bruno dos Santos Callender

Grimaldo Madeira da Silva

Glecia dos Santos Ferreira

Janifer Martinelli da Silva

José de Arruda Paiva (in memoriam)

Maria Aparecida dos Santos

Maria Conceição da Silva

Maria José Ferreira de Souza

Railde Maria Lima

Rogério Vagner da Silva

Recepção e bilheteria

Andrea Sá de Abreu Neves

Débora Castequini Lemes

Drielly Gloria

Jenifer Bene Lu

Joselma Guilherme Silva

Mariane Nunes

Simone Monteiro de Brito

Taciana Maria dos Santos

Recursos humanos

Maria Christina Chiara Gomes Vieira

Marisa dos Santos

Tecnologia da informação

Mauro Ribeiro

Rafael da Silva e Souza

COMUNICAÇÃO INSTITUCIONAL

Gabriel Romio

Nayara Santana da Silva

Thâmara Malfatti

TÉCNICA

Comunicação Museológica

Juliana Silveira

Vivian Bortolotti

Educativo

Paola Maués

Aline Oliveira

Ana Menezes

Bruna Marques

Conrado Secassi

Felipe Pontoni

Guilherme Ramalho

Isabela Maia

José Pedro Viviani

Juliana Barros

Luiz Gregório G. de Camargo

Raquel Freitas

Pesquisa

Tatiana Chang Waldman

Angélica Beghini

Henrique Trindade Abreu

Preservação

Ana Beatriz Giacomini

Letícia Sá

Luciane Santesso

Lívia Allí

EXPOSIÇÃO “VIDAS REFUGIADAS” NO MUSEU DA IMIGRAÇÃO

Realização e curadoria

Gabriela Cunha Ferraz

Fotografia

Victor Moriyama

Expografia

Clarisse Conde

Edição de vídeos e identidade visual

Elisa Malta

Programação do site

Flávio Forner

Logo

Ana Luisa Voltolini Uwai

Ilustrações e lettering

Carol Rossetti

Design gráfico expositivo
Café com Chocolate Design

MATERIAL EDUCATIVO
Idealização, pesquisa e conteúdo

Aline Oliveira
Ana Menezes
Bruna Marques
Conrado Secassi
Gabriela Cunha Ferraz
Guilherme Ramalho
Isabela Maia
José Pedro Viviani
Juliana Barros
Luiz Gregório
Paola Maués
Raquel Freitas

Revisão

Angélica Beghini
Tatiana Chang Waldman

Histórias de vida

Alice
Jeannete
Silvy
Maria
Mayada
Nkechinyere Jonathan
Vilma

Ilustrações

Bruna Marques
Carol Rossetti

Produção

Juliana Silveira
Vivian Bortolotti

Design

Alexsandro Souza [Dínamo]

Agradecimentos

Instituto de Políticas Públicas em Direitos Humanos Mercosul (IPPDH), Organização Internacional do Trabalho, Human Rights Watch, Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados (UNHCR-ACNUR) Equipes Administrativa, Comunicação Institucional, Infraestrutura e Técnica do Museu da Imigração

Voluntários do Museu da Imigração

Ana Paula Mondelo, Edsonia Lopes dos Santos, Gabriela Carvalho, Gabrielle Moraes Lopes da Silva, Maria Helena Akemi Kageyama, Renata Bartié Lippi

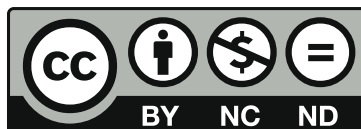
Apoio



Organização Internacional do Trabalho



Este projeto é feito com a tipografia Minimo.



Esta licença permite que outros façam download e compartilhem os conteúdos produzidos pelo Museu da Imigração desde que atribuam crédito ao MI e aos respectivos autores, mas sem que possam alterá-los de nenhuma forma ou utilizá-los para fins comerciais.

MUSEU DA IMIGRAÇÃO

Rua Visconde de Parnaíba, 1316
Mooca - São Paulo-SP
(11) 2692 1866

Horário de funcionamento da bilheteria:
Terça a sábado das 9h às 17h -
Domingo das 10h às 17h

www.museudaimigracao.org.br

